

ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NO CIBERESPAÇO

Danielle Cabral UFRGS
Email: dtscabral@gmail.com

Resumo: As dificuldades cognitivas do aluno com Síndrome de Down não são próprias apenas de sua condição genética, mas advém de uma interação: dependem das características do aluno, do espaço educacional e familiar e da proposta educacional a ele oferecida. Diante disso, o ensino da Geografia direcionada a estes alunos deve ser fundamentado em uma proposta utilize, a internet de forma contextualizada, possibilita que aos seus mundos particulares e coletivos, em que a aprendizagem se realize.

Palavras-chaves: Ensino; Geografia; Síndrome de Down.

Eixo temático: GT3 – Fundamentos Didáticos e o Ensino de Geografia

Introdução

Sabemos que a realidade de que, no meio acadêmico o que se aprende são conhecimentos geográficos destinados a alunos sem necessidades especiais, sem metodologias definidas ao ensino de alunos com necessidades educacionais especiais, de maneira especial a alunos com SD. Tal fato, talvez decorra de que a formação dos professores não contemple adequadamente estas questões ou então, de não haver no âmbito acadêmico, profissionais qualificados para atuarem na formação de futuros professores de Geografia que vivenciarão a atual situação das salas de aula que contêm um público diversificado, onde convivem alunos habituais e alunos com várias



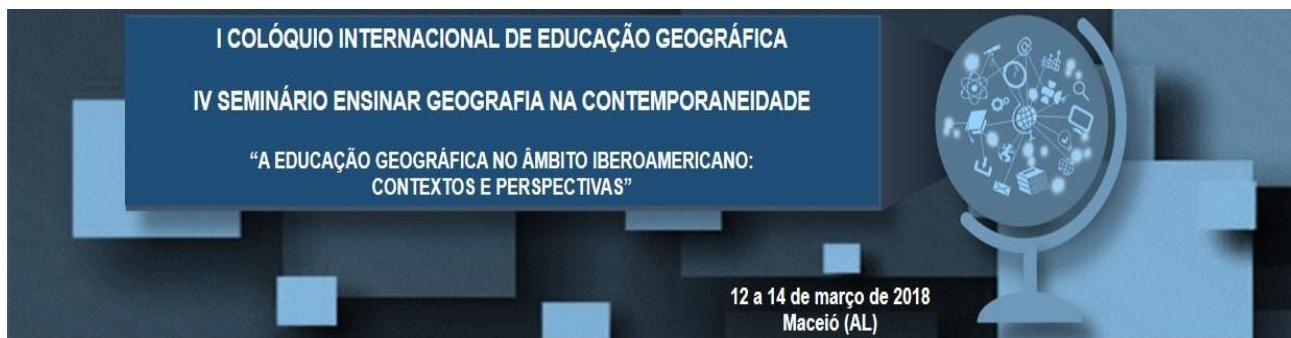
necessidades educacionais especiais, que se submetem a uma mesma prática pedagógica de aprendizagem.

Este trabalho buscar enfatizar o uso do ciberespaço direcionado a aprendizagem geográfica de alunos com SD, onde a, no entanto, ainda há uma questão: - Como dar vida à Geografia? Como tornar significativos os conhecimentos geográficos de maneira a torná-los aplicáveis no cotidiano dos alunos? Estas e outras questões, não encontrarão uma única resposta definitiva, mas pode haver alguns argumentos teóricos que podem estar próximos destas interrogações, como é possível observar nos escritos de Callai (2005), ao observar-se que a autora também questiona:

Como fazer isso? É certo que, da forma como a Geografia tem sido tratada na escola tradicionalmente, ela não tem muito a contribuir. Aquela Geografia chamada tradicional, caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados, em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida (CALLAI, 2005, p. 229).

Este mundo vivo é objeto principal da Geografia, é o que aproxima conceitos abstratos e concretos, ampliando o ambiente da sala de aula e compreendendo a relação entre o local e o global, o lugar e o espaço, a escola e o mundo, a Educação e a tecnologia e, promovendo o benefício do virtual para o real no campo educacional, social, econômico, político e cultural.

Em se abordando alunos com SD, esta possibilidade de “viver o mundo” pode ser desenvolvida a partir de uma associação entre o cotidiano, as vivências e os interesses destes alunos e, os conteúdos a serem desenvolvidos, de maneira o mais concreta possível, através de práticas interativas, dinâmicas e que se aproximem do meio, seja ele da escola, do bairro, da cidade, etc.



Inclusão, Geografia e Escola

O processo educacional em um ambiente inclusivo deve compreender as particularidades de um mundo onde o que prevalece é a diversidade e as inúmeras possibilidades potenciais de aprendizagem. Esta diversidade, quando analisada através da óptica cultural, desponta um espaço vivido por sujeitos que compõem um ambiente caracterizado por singularidades humanas. Desta forma devemos ressaltar que

Trabalhar com as “diferenças”: alunos com diferentes níveis de desenvolvimento, aprendizagem e, diferentes maneiras de interagir e comunicar-se, crianças com possibilidades, interesses e necessidades diversificadas, torna-se para o professor uma tarefa desafiadora (BRASIL, 2006b, p. 23).

No âmbito educacional, o professor assume um compromisso de ajustar-se profissionalmente aos mais distintos ambientes, com um público cada vez mais diversificado que exige não só uma preparação acadêmica, mas também uma adaptação às diversas necessidades apresentadas sejam elas físicas e ambientais ou de origem psicoemocionais.

É fundamental reconhecer que “se existe uma Geografia da verdade, esta é dos espaços onde se reside, e não simplesmente a dos lugares onde nos colocamos para observá-la melhor”, ou seja, a prática pedagógica deve aproximar-se da realidade do sujeito, compreendendo seu mundo e vivenciando a teoria à qual é proposta (FOUCAULT, 1979, p. 113). De maneira, que em especial, os professores de geografia devem manter-se atualizados e manter a coerência com o processo de aprendizagem em que a Geografia deve comprometer-se com a construção da cidadania, para isso, devendo se interrogar constantemente:



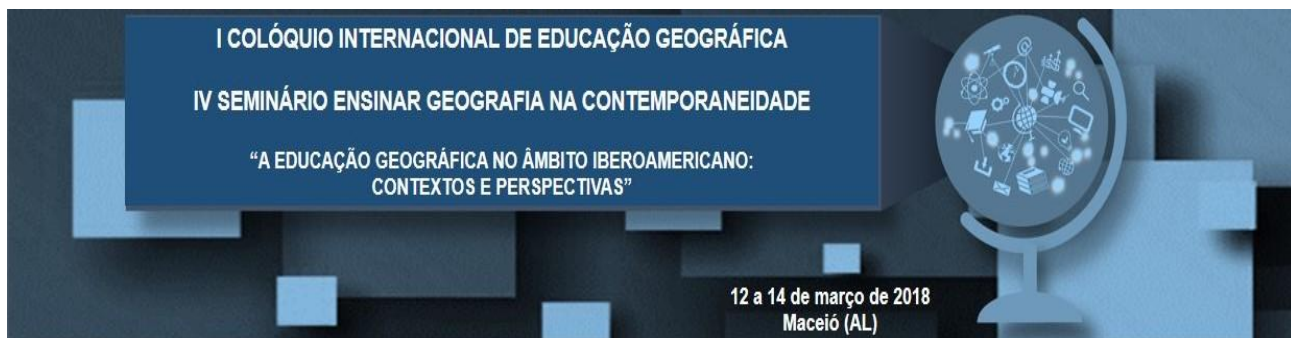
O que é a Geografia escolar na atualidade? Como ela se realiza? Como o professor a constrói? Quais os desafios da prática do ensino da Geografia? Quem são os alunos da Geografia? Como são esses alunos? Como praticam a Geografia do dia-a-dia? Como aprendem Geografia na escola? Que significados têm para os alunos aprender Geografia? Que dificuldades eles têm para aprender os conteúdos trabalhados nessa disciplina? (CAVALCANTI, 2005, p. 66).

Além disso, faz-se urgente a reflexão sobre a contribuição e o compromisso da Geografia em relação ao processo de inclusão escolar, prevalecendo à reflexão sobre o lugar da aprendizagem geográfica no contexto da inclusão e a importância destes conhecimentos para os alunos com necessidades especiais.

Síndrome de Down: diagnóstico versus realidade

Primeiramente, se faz importante lembrar que, “basicamente, a Síndrome de Down significa que o bebê tem um cromossomo extra em cada uma dos seus milhões de células. Em vez de 46, ele tem 47 cromossomos”, sendo que essa irregularidade genética é um fator limitante, mas não condicionante (KOZMA, 2007, p. 15). Brevemente, também pode-se dizer que, a SD “é um dos defeitos congênitos mais comuns, apresentando-se em todas as raças, grupos étnicos, classes sócio-econômicas e nacionalidades” (KOZMA, 2007, p. 15). Assim sendo, retomamos nossa concepção de que a SD é apenas uma condição genética que impõe algumas limitações, contudo, não encerra possibilidades de desenvolvimento no que se refere à Educação.

Esta autora, ainda afirma que “as crianças com Síndrome de Down têm deficiência mental, isto é, aprendem mais lentamente e têm dificuldades com o raciocínio complexo e o juízo crítico. O grau de deficiência mental, no



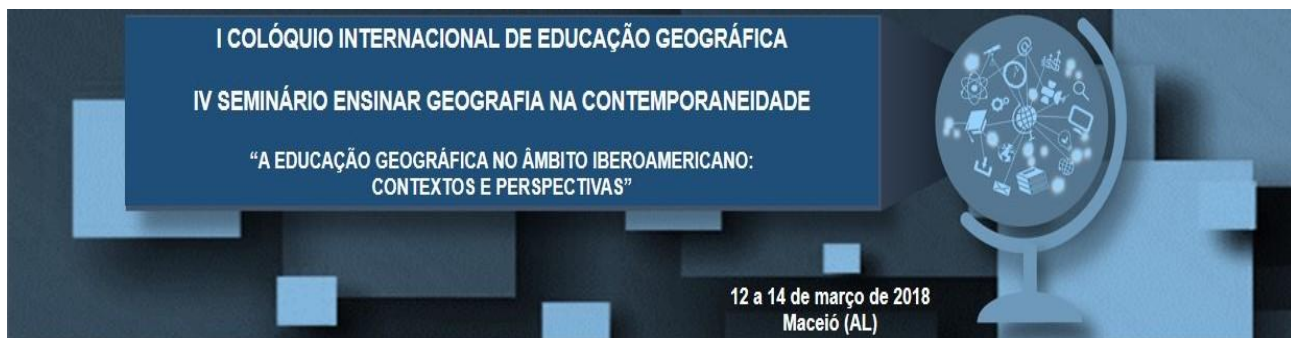
entanto, varia imensamente” entre as pessoas com esta Síndrome (KOZMA, 2007, p. 31). Traduzindo em termos práticos, isto significa apenas que as pessoas com SD têm singularidades, especificidades que devem ser preconizadas, principalmente durante a aprendizagem. De outro modo, aos educadores, é primordial declarar que

Os efeitos da Síndrome de Down variam enormemente de indivíduo para indivíduo. Não há exames que determinem, no nascimento, como a pessoa vai se desenvolver. Como qualquer outra, a criança com SD nasce com um potencial, que vai se desenvolvendo de acordo com as oportunidades que lhe forem apresentadas (BIBAS e DUARTE, 2009, p. 16).

Essa condição genética restringe as pessoas com Síndrome de Down a terem seu próprio tempo de aprendizagem e também, compreende que cada um terá então, um maior ou menor grau de dificuldades neste processo, mas nunca, veja-se bem, nunca, podemos compreender isto como uma “condição” de limitações definitivas. Deste modo, é possível compartilhar o conhecimento de que:

Existe uma grande discussão sobre “graus” da Síndrome de Down. Para responder a esta questão, basta pensar que a criança com Síndrome de Down terá seu desenvolvimento como resultado da equação entre bagagem genética, aceitação familiar, estimulação e Educação recebidas. Exatamente como cada um de nós (BIBAS e DUARTE, 2009, p. 16).

Sendo assim e, tendo em vista que todo sujeito tem suas “limitações, inclusive de aprendizagem, como profissionais, educadores ou pais”, devemos reconhecer que Werneck (2000) tem conhecimento de causa sobre a Síndrome de Down, ao nos orientar que:



O segredo é não olhar só para a Síndrome, mas para a criança que está por trás dela. Dê responsabilidades, limites, amor. Uma criança bem amada tem um leque de possibilidades e se ela está bem construída em sentimentos, vai estar bem construída na vida (WERNECK, 2000, p. 108).

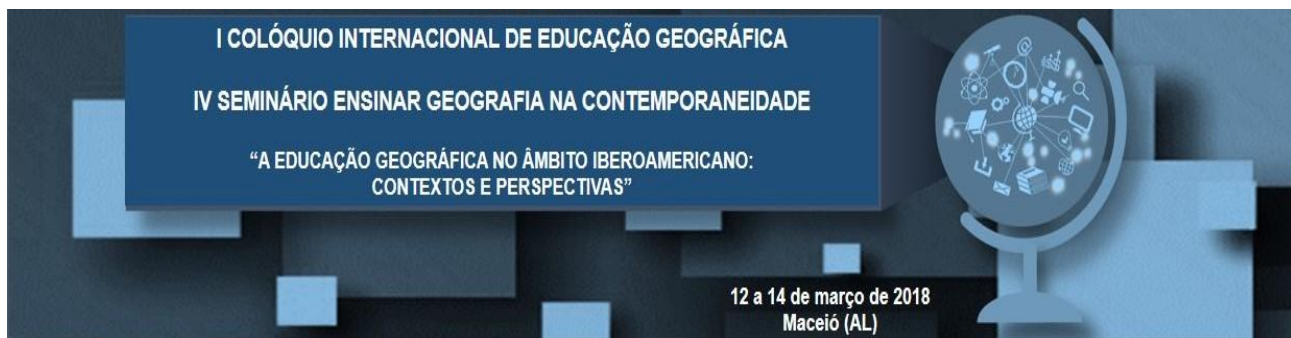
De fato, o ser humano pode sensibilizar-nos através das relações com o nosso próximo, nos despojando de estereótipos que internalizam preconceitos. Por outro lado, como educadores e próximos a pessoas com Síndrome de Down, torna-se útil que tenhamos a consciência de que:

Em razão da peculiaridade de cada criança com Síndrome de Down, nenhum livro pode prescrever um “currículo” ou plano de ensino definido para todas as crianças. Com base em suas próprias observações, avaliações do desenvolvimento cuidadosas e discussões com os profissionais envolvidos, vocês desenvolverão seu próprio programa completo (DIAMOND, 2007, p. 185).

Assim, além do apoio multiprofissional, e interdisciplinar, o cotidiano da prática educacional é imprescindível para desenvolver habilidades que contemplem a teoria e a prática do contexto sócio educativo na sala de aula, onde a percepção situacional é imprescindível para que os educadores resolvam questões de ensino e aprendizagem relacionadas a alunos com SD.

Alunos com Síndrome de Down Geoconet@dos.

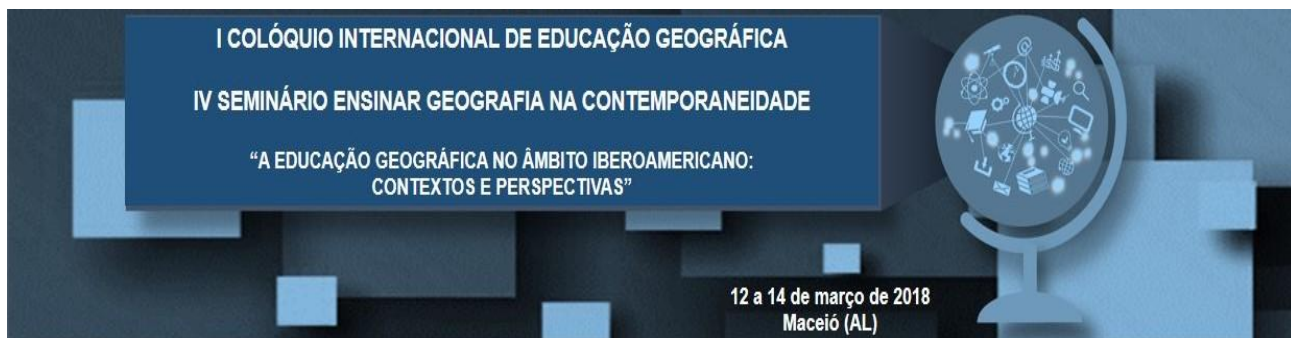
A sociedade e o mundo é o que aproxima conceitos subjetivos e concretos, ampliando o ambiente da sala de aula e compreendendo a relação entre o lugar e o espaço, a escola e o mundo, a Educação e a tecnologia e, promovendo o benefício do virtual para o real no âmbito educacional, social, econômico, político e cultural. Transformando assim, os avanços tecnológicos



como aliados educacionais, em uma proposta que ultrapassa a sala de aula, que transpõe a própria Geografia enquanto disciplina. Onde o interesse de todos os educadores é o de mediar os diferentes conhecimentos para que o indivíduo tenha autonomia em construir seus próprios saberes integralmente e,

O que nos interessa não é simplesmente ter domínios, que o capacitem a viver no mundo, é claro, mas poder, por meio dessa exercitação, dar conta de aprender a ler e viver o mundo. Aprender a pensar e reconhecer o espaço vivido. Não simplesmente como espaço que pode ser neutro, ou estranho a si próprio, mas pensar um espaço no sentido de se apropriar das capacidades que lhe permitirão compreender o mundo, reconhecer a sua força, e a força do lugar em que vive. Aprender para viver, mas aprendendo a buscar a transformação capaz de tornar o espaço mais justo, pelo acesso aos bens do mundo e da vida. Aprender a construir a sua cidadania (CALLAI, 2005, p. 245).

Este trabalho enfatiza que em se tratando de alunos com SD, esta possibilidade de “viver o mundo” pode ser desenvolvida a partir de uma associação entre o cotidiano, as vivências e os interesses destes alunos e, os conteúdos a serem desenvolvidos, de maneira o mais concreta possível, através de práticas interativas, dinâmicas e que se aproximem do meio, seja ele da escola, do bairro, da cidade, etc. Literalmente, onde os educandos “aprendam a viver a Geografia”, aprendam a ver a “Geografia viva” que está no lugar onde estes educandos vivem no seu dia-a-dia, onde encontram seus lugares de pertencimento, sejam eles de lazer, de socialização, de aprendizagem, e, até mesmo de trabalho.

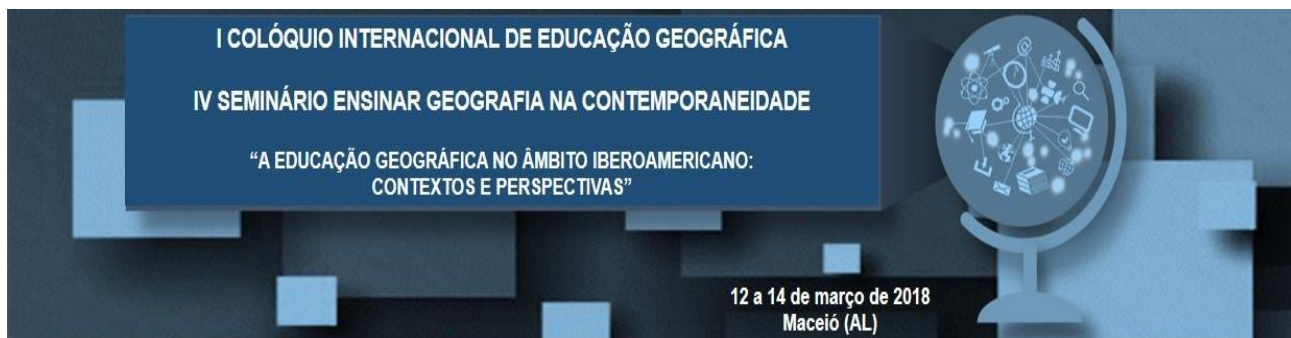


Considerações Finais

Este reconhecimento de que tudo está interligado, conectado, fazendo com que os saberes exijam práticas educativas contemporâneas, é inevitável e de fundamental importância reconhecer que a mídia invadiu todos os espaços, e, principalmente o espaço educativo, não podendo haver um retrocesso de aprendizagem em que a forma tradicional de educação não admita reformas teóricas e práticas do ensino. Para Milton Santos (2006, p. 16) “as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”, este espaço atualmente constitui uma complexidade onde a tecnologia impôs meios tecnológicos e midiáticos que permeiam a vida social e privada da humanidade.

Sabe-se que, nova cultura tecnológica e midiática despontou nas últimas décadas, podendo ser denominada *Cyber cultura*, onde a mídia promoveu novos meios de relação virtual, que ocorre em tempo real através de ferramentas digitais como: Comunidades do *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, *Blogs*, *Second Life*, *Chats online*, entre outros... Desta forma se estabeleceram novos campos de relação entre o local e o global, entre territórios caracterizados por particularidades que formaram comunidades ligadas por interesses afins, diálogos que se estabelecem por afinidades e que podem contribuir para a troca e ampliação de conhecimentos. Ao relacionarmos o processo de ensino aprendizagem de alunos com SD através da Geoconexão, vimos o quanto os mesmos são capazes de estabelecer relações sobre o que estão estudando e contextualizá-los com a sua realidade tornando os saberes geográficos ainda mais significativos ao seu cotidiano.

Contudo, vale ressaltar que a *Cyber cultura* desperta inúmeras potencialidades de aprendizagens destes alunos, evidenciando assim um processo de cidadania onde através da mediação do professor de Geografia,



os alunos tornam-se autônomos na transformação da informação geográfica em conhecimento, satisfazendo assim o processo de ensino e aprendizagem.

Referencias Bibliográficas

BIBAS, Josiane Mayr e DUARTE, Ângela Marques (ORG.). **Idéias de estimulação para a criança com Síndrome de Down**: Brincando e se desenvolvendo em casa. Curitiba: Ed. Arte & Texto, 2009.

BRASIL, **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão**: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla. 4ª. ed. – Associação de Assistência à Criança Deficiente – AACD – Brasília: MEC SEESP, 2006(b).

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental: **Cadernos CEDES**, Campinas/SP: Vol. 25, n. 66, Maio/Ago, 2005. p.227-247.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. **Ensino de Geografia e diversidade**: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

DIAMOND, Linda. Educando seu filho com Síndrome de Down: Uma introdução à intervenção precoce. In: STRAY-GUNDERSEN, Karen (ORG.). **Crianças com Síndrome de Down**: Guia Para Pais e Educadores. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 2007.

KOSMA, Chaira, O que é Síndrome de Down. In: STRAY-GUNDERSEN, Karen (ORG.). **Crianças com Síndrome de Down**: Guia Para Pais e Educadores. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 2007.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: Ed. WVA, 2000.